

## Transparências do Olhar. Os Rostos da Descoberta.

As I Jornadas Internacionais de Antropologia que tiveram como tema: “*Transparências do Olhar. Os Rostos da Descoberta*”, procuraram proporcionar uma intervenção diferente, no âmbito dos 500 anos das relações culturais entre o Brasil e Portugal. No ano de 2000, muitos colóquios e congressos tiveram como tema o “achamento” do Brasil! As nossas Jornadas pretenderam ir por visão diferente, não só porque se baseiam no olhar antropológico, já de si muito especial, mas porque, mais do que celebrar, procuraram questionar preconceitos e sentidos estabelecidos, cuja construção depende mais da orientação do olhar, do que da “realidade” vista! Como construímos os rostos do outro e reconstruímos o nosso próprio? Como nos viram, e que mundo interpretaram aqueles que nos receberam? Que processos contemporâneos continuam a construir e reconstruir rostos vários, pela não transparência de um olhar que se quer livre e atento à descoberta. Como descobrir, o que descobrir, como deixar-se descobrir....

No século XV o mundo ocidental encontrou num *alter-ego*, para onde transferiu os seus mitos, a possibilidade de recriar um mundo em que o desconhecido se deixava domesticar pelos sentidos ocidentais, elevados à categoria de verdades incontestadas. O ordenamento dos sentidos na América correspondia à urgência de entendimento da sua função no espaço Europeu.

Então como agora, ao diferente, ou seja, aquele com quem estabelecemos uma relação e que se nos impõe numa alteridade incontornável, é dado um lugar onde possamos inscrever as nossas obsessões, os nossos desejos, na tentativa de o tornar dócil a um sentido que confirme e mantenha a nossa visão do mundo. A tentação de o «resgatar» para a verdade, para a modernidade ocidental, para a democracia, não é outra coisa senão a prova da incapacidade de o conhecer como ele é.

Álvaro Campelo